

Internet

O jornalismo ambiental on line

Liana John

Uma ressalva como introdução

Agilidade, abrangência, replicabilidade e permanência. São as quatro grandes qualidades do jornalismo ambiental on line, que podem se traduzir em vantagens sobre os meios diários mais tradicionais – jornais, rádios ou TVs – se bem aproveitadas. Tudo depende da habilidade dos jornalistas responsáveis pelo noticiário on line em perceber – e usar – as peculiaridades da Internet.

É bem verdade que esta é uma nova “modalidade” de jornalismo, cuja linguagem ainda não se estabilizou. O fato do veículo existir há tão pouco tempo ainda não permitiu cristalizar modelos de sucesso, como é o caso do jornalismo escrito, falado ou televisionado. Mas este porém deve ser entendido como uma vantagem a mais, em favor da criatividade, e não como um ponto negativo. É uma indicação de que é preferível experimentar as novas possibilidades do meio a simplesmente transferir as boas “receitas” dos outros veículos para a tela do computador.

A transferência, pura e simples, do conteúdo e forma dos meios tradicionais para a Internet, aliás, foi a alternativa adotada pela grande maioria das empresas de comunicação, nos primeiros anos de jornalismo on line, na tentativa de aproveitar algumas daquelas quatro qualidades. Mas não se provou suficiente. Aos poucos, a versão on line de jornais e revistas conhecidos ou de programas de rádio e TV, foram ganhando adendos, novas seções, conteúdos exclusivos da Internet, que só fazem sentido no meio virtual.

Esse processo está em pleno desenvolvimento, em todo o jornalismo on line, o que naturalmente inclui o jornalismo ambiental. É, portanto, extremamente arriscado fazer análises, considerações ou previsões sobre rumos e tendências. E ainda mais temerário transformar qualquer palpite em um curso, num manual, uma publicação de vida certamente mais longa do que algumas das experiências on line. Este capítulo deve ser entendido, portanto, mais como um esboço de uma linguagem, que mal se delineia (ou um conjunto de dicas), do que um produto acabado (ou um conjunto de regras).

Agilidade

Para o jornalista ambiental, a velocidade peculiar e altamente valorizada da Internet não se resume à relação com o público leitor. Quando se menciona a agilidade como uma das principais qualidades do jornalismo on line, aqui, não se trata apenas da rapidez com que as notícias podem ser disponibilizadas em sites. Antes disso, valoriza-se o uso da Internet como ferramenta de trabalho.

O jornalista ambiental brasileiro tem um território de mais 8 milhões de quilômetros quadrados para cobrir; lida com fontes de informação extremamente descentralizadas (de autoridades em Brasília a guardas-parques, comunidades ou pesquisadores envolvidos com projetos nas localidades mais inacessíveis do país); tem sérias limitações de recursos para custear deslocamentos e tem necessidade específicas de uso de imagens e, eventualmente, sons, que são informações complementares ao texto e não meras ilustrações.

A grande maioria das entrevistas de Economia ou Política ocorrem entre São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília e, se saírem sem a foto do entrevistado, não serão muito prejudicadas. Mas Meio Ambiente é diferente. As notícias estão tanto nos incêndios de Roraima, como no vazamento de Cataguazes (MG) ou em cruzeiros de observação de baleias em alto mar. E, se uma nova espécie de macaco é descrita, sua foto ou ilustração é praticamente indissociável do texto, assim como as imagens da área afetada por um derramamento de óleo ou um gráfico explicando como é o ciclo dos principais gases, nas diversas alternativas de seqüestro de carbono para frear as mudanças climáticas.

Antes da Internet, a cobertura ambiental nacional só era possível com uma rede de correspondentes ou uma equipe de grande mobilidade (e recursos financeiros) e, mesmo assim, sempre correndo o risco do filme não chegar a tempo, da telefoto não possuir a qualidade necessária, da ilustração ou gráfico não poderem ser produzidos. A possibilidade de transmitir arquivos, fotos digitais, relatórios, gráficos e até de realizar entrevistas via email multiplicou a velocidade e o alcance de cada jornalista ambiental, abrindo também novas portas de relacionamento com as fontes e com o público.

Denúncias ou boas notícias chegam mais rápido e os documentos ou imagens que as comprovam ou reforçam podem ser virtualmente reproduzidos. Isso não elimina as boas regras de apuração jornalística, mas ajuda muito o

jornalista a decidir sobre qual pauta ele vai trabalhar e onde vai concentrar os limitados recursos. Confere, enfim, agilidade e eficiência à reportagem.

Uma vez apurada a notícia e pronto o texto, sua disponibilização para o público, via Internet, também é mais ágil do que nos jornais e revistas, podendo empatar com as TVs e rádios, se o material for editado. Nas coberturas ao vivo os meios eletrônicos tradicionais ainda ganham, mas já começam a existir alguns noticiários virtuais em tempo real, tão ágeis quanto. O recurso só não é muito usado no jornalismo ambiental, sendo uma característica mais marcante do jornalismo econômico e financeiro. Porém nos casos de acidentes ambientais graves já se ensaia algo do gênero.

Dicas práticas

Para aproveitar os recursos da Internet e transformar a agilidade do meio em uma vantagem a seu favor, o jornalista ambiental deve:

- Estabelecer uma rede de fontes, via email, tão importante quanto a agenda de telefones.
- Participar de listas especializadas de discussão.
- Divulgar seu email aos leitores, no noticiário on line onde publica suas matérias.
- Manter-se atualizado em relação aos programas de transferência e edição de som e imagem por computador (incluindo aqueles via modem).

Abrangência

A segunda grande qualidade do noticiário ambiental on line, a abrangência, pode ser traduzida como a possibilidade de obter e divulgar informações referentes a localidades antes isoladas e praticamente ausentes da mídia impressa ou eletrônica tradicional. Refere-se igualmente à possibilidade de fazer as notícias chegarem a regiões onde os veículos impressos não são distribuídos e as transmissões de rádios e TVs não chegam. Isso não inclui apenas as próprias localidades isoladas, que agora são objeto de reportagens mais freqüentes, mas também o exterior. A versão on line dos noticiários do Grupo Estado tem uma participação considerável de acessos a partir do exterior, 70% dos quais são endereços dos Estados Unidos.

As notícias da Agência Estado tem 20% de seus leitores fora do Brasil, a versão on line do Jornal da Tarde tem 25% e a versão virtual de O Estado de S. Paulo chega a ter 45%.

Na produção de notícias, a abrangência da cobertura ambiental depende, em grande parte, do levantamento de informações de boa qualidade por entidades ambientalistas e pesquisadores, que trabalham em tais localidades, hoje considerados parceiros indispensáveis do jornalista virtual. É preciso ter em conta, que a facilidade de receber dados, denúncias e notícias de locais distantes é maior, mas a mobilidade do jornalista é menor, devido às restrições de recursos. Em outras palavras, o jornalista nem sempre produz reportagens, nem sempre vai pessoalmente até muitas das localidades de que trata em suas matérias e, portanto, depende da confiabilidade das informações repassadas por terceiros.

Isso obriga o jornalista virtual a tomar alguns cuidados fundamentais, para evitar erros. É preciso checar a identidade e a idoneidade das fontes, tanto quanto a veracidade das informações. Na Internet, é fácil produzir fraudes, transformar documentos e assumir identidades falsas. As informações não podem ser simplesmente reproduzidas, sem confirmação. E, para os ambientalistas, pesquisadores e assessores de imprensa, que trabalham as informações primárias, a serem fornecidas aos jornalistas virtuais, é importante deixar sempre claro a procedência das informações, imagens ou comentários, identificando créditos e fornecendo meios de contato com o responsável pelo conteúdo do que foi informado.

Ainda em relação à abrangência, há um outro detalhe em favor do jornalismo ambiental em meios virtuais: a divisão menos rígida das notícias em editorias permite a inserção de matérias ambientais em vários contextos, como é também o caso da produção de informações em agências de notícias. Assim, em lugar de ficarem compartimentalizados, os temas ambientais podem ser tratados nas editorias de Economia, Política, Educação, Cidades, Agricultura, Internacional, ou mesmo em editorias temporárias, especialmente criadas para Internet, que substituem os cadernos especiais de jornais ou suplementos de revistas, como é o caso da cobertura de Eleições, Copa do Mundo, Fóruns ou Conferências Internacionais.

Dicas práticas

Para garantir e aumentar a abrangência do material jornalístico ambiental, é importante:

- Criar um canal de comunicação eficiente com leitores e fontes.

- Adotar uma linguagem clara, sem excesso de termos técnicos, que permita o aproveitamento do material em diversas editorias.
- Identificar sempre o local de onde o repórter/redator está escrevendo, para não haver dúvida quanto ao fato da cobertura ter sido realizada in loco ou de forma remota.

Replicabilidade

A facilidade com que o material jornalístico pode ser replicado e redistribuído, via Internet, nos mais diversos sites é, ao mesmo tempo, um novo poder de difusão/mobilização e uma dor de cabeça para quem cuida de direitos autorais. Informações, matérias, artigos e mesmo o conteúdo de páginas inteiras dos noticiários virtuais são freqüentemente reproduzidos em outros sites e em listas de discussão, multiplicando exponencialmente o público do noticiário original. E, se esta replicabilidade ainda é um problema sem solução quando feita de modo ilegal, na base da pirataria, é também um diferencial interessante, nos casos em que há autorização para reprodução e isso é feito com o devido crédito e link para a página original.

Denúncias e informações replicadas via Internet podem mobilizar as organizações não governamentais ambientalistas ou cidadãos comuns com uma velocidade impressionante e, em alguns casos, mudam a perspectiva das relações entre poder público/legisladores/meio empresarial e a sociedade civil, conferindo a esta uma voz muito menos filtrada do que em qualquer outra mídia tradicional.

O jornalista virtual deve, no entanto, redobrar os cuidados com a credibilidade do que escreve e não descuidar de um certo acompanhamento das matérias replicadas. Como no material de agências de notícias, o recorte e remontagem do texto original acontece e as informações podem ser deturpadas neste processo, sendo que, na Internet, há o agravante dos cortes e edições de texto nem sempre serem feitos por profissionais ou pessoas comprometidas com o autor, como se supõe deveria ser nas redações.

Dicas práticas

Para reforçar os aspectos positivos da replicabilidade e reduzir os negativos é importante:

- Manter algum controle sobre as réplicas do material, conservando cópias do pedidos de autorização concedidos a outros sites e listas de discussão.

- Assinar listas de discussão de temas de interesse, nas quais o material costuma ser reproduzido, e verificar periodicamente se os créditos estão conforme acordado.
- Usar máquinas de procura periodicamente, para verificar se o material foi pirateado ou usar serviços de clipping eletrônico.
- Acompanhar as conseqüências de mobilizações geradas a partir de informações jornalísticas e divulgar seu interesse, de modo que amigos ou colegas possam alertá-lo, caso encontrem material de sua autoria replicado.

Permanência

Finalmente, a última das quatro grandes qualidades do noticiário virtual – a permanência - é especialmente desejável num país como o Brasil, cuja memória pública, via de regra, é curta demais para a magnitude dos ecossistemas ou dos acontecimentos ambientais. As notícias, artigos, reportagens e coberturas especiais on line não embrulham banana no dia seguinte, não saem das bancas com o início de uma nova semana e não dependem de reprises para voltar aos olhos e ouvidos do público, como no rádio e TV. Elas continuam disponíveis para consulta, reavivando a função primordial dos arquivos, que, a rigor, é evitar que fatos relevantes caiam no esquecimento.

É evidente que alguns arquivos são mais acessíveis do que outros, mas o jornalista pode trabalhar para que o seu material esteja referenciado de forma amigável para o leitor. Uma alternativa é indicar quais matérias anteriores tratam do mesmo assunto ou estão relacionadas, estabelecendo links virtuais para tais arquivos, no rodapé da matéria mais recente. Outra opção é fazer acordos com empresas de máquinas de procura, como Yahoo ou Google, ou criar buscas específicas no site de notícias. Esta tecnologia vem melhorando e tornando as buscas mais inteligentes, prometendo grandes avanços num futuro próximo. Deve, portanto, ser colocada a serviço da boa informação.

O leitor de notícias ambientais às vezes precisa recordar o contexto de determinados fatos ou rever conceitos para melhor acompanhar algumas coberturas e esta permanência das notícias em arquivos acessíveis facilita muito.

Dicas práticas

Para assegurar a permanência de informações ambientais relevantes disponíveis para o público não se pode esquecer de:

- Indexar corretamente os arquivos.
- Checar de que forma os materiais mais importantes aparecem nas máquinas de busca.
- Identificar sempre a data em que os materiais foram produzidos e disponibilizados na Internet, para evitar que se tomem arquivos por notícias frescas.

Experimentos de linguagem

A união de duas ou mais dessas qualidades do jornalismo ambiental on line, em alguns casos, permite montar coberturas especiais, que só funcionam na Internet. Já é possível, por exemplo, acompanhar uma expedição científica com notícias on line, enquanto a expedição está acontecendo, ou fazer entrevistas com ambientalistas/pesquisadores/manifestantes, enquanto eles estão em campo. E divulgar matérias deste tipo com fotos, sons ou até filmagens digitais. Tudo isso sem prejuízo das matérias mais tradicionais – que são as mesmas publicadas nos jornais – e com o acréscimo de informações de arquivo ou documentos na íntegra, graças à possibilidade de se criar links entre materiais diversos, nas páginas web.

Para o jornalismo ambiental isso é extremamente positivo, porque corrige defeitos comuns nas versões impressas, faladas ou televisionadas das mesmas reportagens, dos quais a falta de espaço do veículo aliada à falta de conhecimento específico (background) do leitor está entre os mais graves. Como boa parte dos temas ambientais exige um certo conhecimento prévio de termos ou conceitos, o espaço exíguo dos noticiários tradicionais pode comprometer a compreensão da notícia ou a profundidade da reportagem. Mas, na versão virtual, como já dito acima, não há limite de espaço e a possibilidade de criar seções separadas, porém de acesso fácil e trânsito rápido entre uma e outra, permite fornecer as informações mais completas, sem chatear o leitor com longos relatos ou, como se costuma dizer na gíria jornalística, com “tijolos”.

Ou seja, cada leitor acessa apenas o que lhe convém, na medida de seu interesse. Se, ao ler um diário de expedição na Amazônia, ele sente necessidade de esclarecer detalhes sobre os problemas ambientais em discussão, ele tem o apoio de matérias de fundo; se quer saber mais sobre uma determinada resolução legal, afeta à reportagem, pode ter o documento na

íntegra, e se prefere apenas “ver as fotos”, basta “folhear” a galeria de imagens.

Tratam-se, por enquanto, de experimentos de linguagem on line, mas, pela resposta dos leitores, com boas chances de se firmarem. O crescimento do número de acessos diretos à Editoria de Ciência e Meio Ambiente da Agência Estado, nos primeiros meses de 2003, pode ser um indicativo deste retorno do público. O ano iniciou com pouco mais de 310 mil acessos, em janeiro, apresentando um acréscimo superior a 100 mil leitores diferentes a cada mês: 423 mil em fevereiro, 522 mil em março e 636 mil em abril.

Outro indicativo são os emails de leitores, comentando o andamento de especiais deste tipo. É crescente o número de professores, que utilizam tais coberturas especiais em sala de aula e fazem referência ao fato de serem mais completos e informativos do que as reportagens impressas. É também crescente o número de estudantes – de jornalismo ou de áreas relacionadas a meio ambiente – que usam tais informações em trabalhos de conclusão de curso ou teses de pós-graduação. E, sobretudo, é cada vez maior o número de leitores, que demonstra acompanhar as reportagens em série, todos os dias.

Um exemplo significativo foi o especial “Povos Desconhecidos”, que acompanhou o dia-a-dia do repórter Leonencio Nossa no Vale do Javari, região oeste do estado do Amazonas, onde ele integrava uma expedição da Fundação Nacional do Índio (Funai), numa área habitada por 6 grupos indígenas isolados (sem contato com o branco). O repórter percorreu rios e matas com os sertanistas e índios intérpretes durante três meses, em meio aos quais foi obrigado a interromper o diário virtual de viagem por 22 dias, numa fase em que a expedição atravessou um trecho de floresta a pé e permaneceu sem bateria para lap-tops ou telefones via satélite. A interrupção foi explicada aos leitores e o diário dos dias de caminhada foi inserido no especial on line posteriormente, quando o repórter voltou a se comunicar com a redação. Durante os dias que esteve incomunicável, porém, muitos leitores enviaram emails, perguntando se ele estava bem, quando voltava a enviar os diários, num claro sinal de que acompanhavam o especial de perto.

Dicas práticas

- O melhor termômetro para saber se um experimento de linguagem para Internet funciona é o leitor. Dê especial atenção aos canais de comunicação do leitor com o jornalista e teste para ver se funcionam. Muitos sites ainda

não tem sequer a identificação da localidade onde são editados nem email/telefone/endereço de contato.

- Teste sempre o acesso a um site de forma remota. Em muitos casos, quem produz uma página virtual a confere na máquina de produção, que nem sempre mostra o que o leitor está vendo. Os defeitos aparecem quando o acesso é o mesmo do leitor, ou seja, remoto.

FIM DO CAPÍTULO